



Apesar da destruição de vários barracos, os ocupantes da área de Capuaba permanecem firmes no local

Nova violência em Capuaba não intimida os moradores

Seis barracos foram queimados anteontem à noite em Santa Rita por policiais da delegacia de Vila Velha. Os barracos eram de posseiros que desde sábado último estão tentando ocupar um mangue situado entre a rodovia Carlos Lindenberg e a estrada de Capuaba. Terça-feira, os policiais prenderam 20 pessoas, duas das quais foram interrogadas em Vila Velha e no quartel da Polícia Militar, em Maruípe, onde permaneceram por seis horas.

Ontem, cerca de 400 invasores participaram de uma assembléia no Movimento Comunitário do bairro Santa Rita. Ficou decidido que segunda-feira farão uma passeata até o fórum de Vila Velha, saindo do Movimento Comunitário, para formalizarem a denúncia de espancamento — ontem, às 13 horas, 16 das 20 pessoas foram levadas a exame de corpo delito — e pedirem proteção policial.

TERRA DE NINGUÉM

Apesar das declarações de Nilton Copolillo, que se declara proprietário da área onde foi iniciada a invasão, a comissão que está à frente do movimento afirmou que não existe qualquer documento neste sentido nos órgãos procurados. Ontem, foi distribuído o "Boletim Informativo — 1", no qual são expostas as respostas obtidas.

No Serviço de Proteção à União (SPU), só existe um processo da União contra o próprio Nilton Copolillo, com a primeira parte buscando meios de provar ser de sua propriedade o mangue. No mesmo SPU, foi dada entrada num processo solicitando um documento com estas informações.

Na Prefeitura de Vila Velha, segundo o "boletim", "fomos saber se existe imposto pago pelo sr. Copolillo e descobrimos que o sr. Copolillo nunca tinha pago".

Também na PMVV, foi requerido um documento comprovando esta informação.

Entre os invasores, como Sirineu Borges Neuza Maria de Jesus e Tereza Cearense, a versão predominante sobre a posse da área refere-se a uma pessoa identificada apenas por Eustáquio, hoje falecido. Ela teria sido procurada por Nilton Copolillo para a transferência da área, conforme relato de um dos membros da comissão que está à frente dos invasores:

"O Copolillo quis comprar do Eustáquio, por Cr\$ 250 mil, há oito anos. Só que ele não pagou várias promissórias, e, apesar de exigir a transferência da terra junto ao Eustáquio, nada conseguiu. O Eustáquio morreu, e hoje ninguém sabe quem é o dono".

IRMÃO DO JUIZ

Para a derrubada dos barracos, não foi mostrada qualquer ordem judicial. Devido a isso, a comissão procurou o juiz Paulo Copolillo — irmão de Nilton Copolillo — para um esclarecimento quanto à existência da ordem que os policiais civis afirmaram que tinham recebido.

A resposta de Paulo Copolillo, segundo o membro da comissão Gilberto Álvares dos Santos, foi inesperada: "O documento aqui sou eu. E não é necessário nada escrito", teria dito o juiz Copolillo.

Segunda-feira, os invasores, em passeata a partir da sede do Movimento Comunitário de Santa Rita, voltarão ao fórum de Vila Velha, tanto para formalizar a denúncia de espancamento como para pedir proteção policial.

MAX APÓIA

Após a assembléia de duas horas ontem, a comissão que está à frente dos invasores se reuniu. A

principal preocupação era garantir meios de evitar nova intervenção dos policiais da delegacia de Vila Velha, a mando do delegado Osires Ferreira Mendes.

Em termos concretos, a medida que será tomada restringe-se à audiência de segunda-feira, com o juiz Paulo Copolillo, que deverá ser marcada hoje, oficialmente. Além disso, está sendo buscado o apoio de várias entidades, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e outras, como a Comissão de Justiça e Paz, já estão acompanhando os invasores.

O deputado federal Max Mauro participou de parte da assembléia e da reunião da comissão. Ele garantiu que procurará meios de conseguir que os policiais de Vila Velha não intervenham: "Vou procurar o advogado do partido (PMDB), para estudar a situação".

Um pedido oficial de Gerson Camata ao superintendente geral da Polícia Civil, Décio Nascimento, não foi garantido por Max Mauro: "Não sei, Veremos o que fazer." Ele estranhou a intervenção dos policiais civis, afirmando que quem deveria tomar tal atitude seria a Prefeitura de Vila Velha, que, até agora não tomou qualquer medida:

"Não apareceu ainda o dono da área, pois o Copolillo não apresentou documentos. Esta ação da polícia Civil me parece uma afronta à própria autonomia do Município, pois só a ele caberia uma medida de desocupação".

Outro apoio recebido pelos invasores foi dado ontem pelos participantes do I Seminário de Política Estadual de Bem-Estar Social, que emitiram uma moção de apoio. Em um trecho da nota, a moção afirma que "os capixabas não podem assistir passivos ao espancamento de homens, mulheres e menores na luta por um espaço no mangue para construir sua moradia".